

UM "COLOMBO" ICTÉRICO, NO MUNICIPAL

Autor de várias óperas, que o consagraram, Carlos Gomes, no último lustro de sua vida, resolveu, motivado pelo 4.º Centenário do Descobrimento da América, por Cristóvão Colombo, entrar no campo da "música programática" e compor um poema vocal-sinfônico, tendo o genovês por protagonista. Saindo do campo operístico, que lhe dera tanta glória, o nosso conterrâneo foi ainda melhor sucedido ao compor essa obra prima, que é o "Colombo", dedicada aos povos das Américas. Se Carlos Gomes quisesse dar tratamento operístico à sua grande obra para solistas, cântoro e orquestra, teria feito de "Colombo" não um poema vocal-sinfônico, como realmente fez, mas sim uma ópera como as demais saídas de sua inspiração.

Não se compreende, pois, que tal peça escrita numa forma, seja um dia, muitos anos depois da morte de seu autor, transformada em espetáculo áudio-visual, não se podendo aceitar a justificativa para tal apresentada pelo prefeito de Campinas, de que Carlos Gomes está gasto, superado, e, por isso, para que as novas gerações o conheçam, ser preciso dar-lhe nova roupagem. Se Carlos Gomes escreveu um poema vocal-sinfônico, como tal deveria ser apresentado, para ficar-se de acordo com o luxuoso programa distribuído no Teatro Municipal José de Castro Mendes, que informava o público de que para o espetáculo inaugural da nova casa de espetáculos, de grande versatilidade, polivalente, se escolhera "o poema vocal sinfônico de Carlos Gomes, COLOMBO, numa especial montagem cênica" (o grifo é nosso). Foi, pois, com essas palavras do sr. prefeito que se realizaram os dois espetáculos paralelos na noite de sexta-feira: um, excelente, para bons ouvidos, o poema vocal-sinfônico e o outro, o espetáculo plástico, atacado de icterícia, a pantomina que se montou sobre o primeiro, para atrapalhá-lo. E' o caso de perguntar-se: Por que tentar visualizar situações, que são sugeridas pelas próprias palavras do poema e pela expressiva música descritiva de Carlos Gomes? Por que querer corrigir aquilo que foi considerado como obra perfeita na qual tudo está certo, correto, nada há a acrescentar ou a tirar? Visualizar o poema vocal-sinfônico "Colombo", de Carlos Gomes, é negar Carlos Gomes, é ser anti-Carlos Gomes.

A apresentação de sexta-feira constituiu-se, como se vê não na obra original, mas de um "show" em que se demonstrou não confiar na música composta pelo maestro conterrâneo, apelando-se para recursos extras, no sentido de dar ao público uma história em quadrinhos, na suposição, naturalmente, de que este é incapaz de apreciar a música sem a visualização... Nessa versão áudio-visual para exaltação do amarelo, que saturou os olhos do público, causando-lhe indigestão, como se tivesse empanurrado de fios de ovos, procurou-se usar da expressão corporal e da movimentação cênica para novos efeitos na assistência, como se a música dessa obra prima de Carlos Gomes não bastasse.

Dentro do conceito de Poema Sinfônico", peça programática em que a parte literária se completa com a musical para criar no espírito da assistência (mais ouvinte do que espectadora), o clima exigido pelo assunto musicado pelo compositor, é que o "Colombo" deve ser tratado. É preciso não esquecer-se de que o próprio Carlos Gomes classificou-o como "Poema vocal-sinfônico" e como tal tratou-o, tanto ao ser composto, como ao ser apresentado no Rio de Janeiro, em agosto de 1892, sob a direção e regência do autor.

Numa partitura de piano e canto, editada em Milão, por Arturo Demarchi consta como autor da parte literária Albino Falanca e da redução musical G. Loscar, que, não parece haver dúvida, escondem os verdadeiros nomes dos autores anagramados: Anibal Falcão e Carlos Gomes.

Sabe-se do insucesso da apresentação do "Colombo", no Rio, no Teatro Lírico, pouco antes do transcurso do 4.º centenário do feito colombiano, exaltado na peça. O público e a crítica esperavam uma "nova ópera de Carlos Gomes", mas o maestro lhes ofereceu uma música programática, um poema vocal sinfônico, música programática, que se contrapõe à música absoluta por conter elementos poéticos ou plásticos. O elemento poético está presente no "Colombo". Esperar, portanto, que uma peça anunciada como poema vocal-sinfônico tivesse drama, canto, sinfonia, dança, decoração além de contar com o concurso de outras artes, isto é, tudo aquilo que caracteriza a ópera parece contrassenso e mesmo ignorância. Que o público carioca tenha levado um choque diante de um espetáculo orfeônico, choque que o incapacitou a sentir a beleza descritiva sem par da peça, admite-se, mas que o crítico tenha reagido negativamente diante de "mulheres trajando vestidos de baile e homens de casaca, alinhados ao lado uns dos outros, cantando com papel na mão", é que não se concebe, já que não podia (ou não devia) ignorar as inovações do francês Berlioz, morto em 1869.

O "poema sinfônico", sintese da "música descritiva" ou "música programática", como ensinam grandes musicistas, o qual marcou a nova fase da música francesa inaugurada por Berlioz, destina-se a ilustrar, expressar ou pintar com a utilização de sons musicais um episódio, uma situação ou cena, um assunto geralmente contido em poema literário. E Carlos Gomes o fez magistralmente. (Recorde-se o uivar dos ventos e a noite fria e escura descrita no início da primeira parte e depois o primeiro momento, a furia do temporal, em alto mar, da terceira). O "Colombo", composto por Carlos Gomes, não para mostrar de forma dramática, não pela ação ou pela expressão corporal, mas para fazer o ouvinte sentir, viver emoções, através de palavras casadas com a música, integrando-se no evento em foco. Se Carlos Gomes quisesse fazer um espetáculo áudio-visual, assunto em que realmente era mestre, teria posto de lado a forma poema vocal-sinfônico e tratado o assunto da mesma maneira por que tratou "O Guarani", "A Foscá", "O Escravo" e suas outras óperas.

Peça 99 por cento para o ouvido, o "Colombo" foi transformado num "mezzo a mezzo" áudio-visual. Por que? Para fazer concessões a um público que deveria ser levado até a obra do maestro e não rebaixar esta para deseducar cada vez mais nossa gente.

Se bem que Isadora Duncan, de acordo com sua concepção da dança, achasse que qualquer música, seja ela qual for, pode ser dançada, com a transformação de sons e ritmo em movimentos, em expressões corporais, ditadas pelo que a música sugere a quem dança, não se pode querer que todos os espetáculos (no caso o "Colombo") se transformem de espetáculos essencialmente audíveis em espetáculos visuais, plásticos, verdadeiras pantomimas circenses.

Enfim, se a obra de um autor como Carlos Gomes não pode sobreviver, sem tais artifícios, que a disvirtuem, archive-se ela e quem tiver competência para fazer coisa melhor, para substituí-la, que faça. E não se fala mais nisso...

B.B.P.

Coneis Popular